

EDITORIAL

Na Revista LABVERDE Nº 2 foram reunidos seis artigos, uma entrevista e dois depoimentos sob o tema “Projetos Sustentáveis”. O leitor observará, no entanto, que todos os textos aqui apresentados discutem, de uma maneira ou de outra, a sustentabilidade ligada a uma nova ética, denominada ética ambiental ou ecológica que, na verdade, poderia ser tratada, também, como temática deste número.

O primeiro artigo apresenta uma interessante proposta de recuperação de aterros sanitários desativados do município de São Paulo, transformando-os em parques públicos, que, segundo as autoras Stuermer, Brocaneli e Vieira, uma vez interligados aos demais parques, por meio de corredores verdes, poderão aumentar consideravelmente o índice de áreas verdes por habitante em nossa Cidade.

Dobbert, Tosetti e Viana, no segundo artigo, despertam a atenção para a questão da conservação e recuperação de “redutos rurais” como estratégia de resiliência e infraestrutura verde diante do processo de urbanização e apresentam o caso de redutos rurais de interesse ambiental, histórico e cultural na cidade de Valinhos, SP.

O terceiro artigo, apresentado por Lima, ressalta a importância da adoção, por parte do setor público, de novas tecnologias ligadas aos Sistemas Geográficos de Informação para a formulação e gestão de políticas públicas, especialmente no nível local, para a promoção da qualidade ambiental e a sustentabilidade urbana.

O artigo de Ximenes, o quarto, discute a questão da evolução da ética nas visões antropocêntrica e biocêntrica e suas implicações nos problemas sociais e ambientais da atualidade, tratando o problema da sustentabilidade, antes de tudo, como um problema ético.

No quinto artigo, Sanguinetti apresenta um interessante experimento de uma casa ecológica integrada ao lote, ao ecossistema e à paisagem local no município de Piranguinho, no sul de Minas Gerais.

Lotufo, no sexto artigo, preocupa-se em incorporar os princípios ecológicos ao ato de projetar o edifício e a cidade, discutindo o problema como reflexo de uma lógica mercadológica mecanicista, distanciada das leis naturais que regem o funcionamento

dos ecossistemas. O texto aponta a possibilidade de uma nova maneira de projetar tanto edifícios quanto o espaço urbano, que incorpore os processos ecossistêmicos, no caminho da sustentabilidade.

A entrevista com Betty Feffer revela uma experiência inédita, na cidade e município de Pardinho, feita por uma organização não governamental, atrelada ao “Projeto Pólo Cuesta”¹, com a criação do Instituto Jatobás e posteriormente o Centro Max Feffer -Cultura e Sustentabilidade, que reúne diversas atividades de cunho social visando a implantação do modelo Ecopolo de Desenvolvimento Sustentável. A sede do Centro Max Feffer, de autoria da arquiteta Leiko Hama Motomura e da empresa Amima Arquitetura de Mínimo Impacto sobre o Meio Ambiente, cuja foto é capa desta edição, tornou-se uma referência regional e nacional em arquitetura sustentável.

Dois depoimentos completam esta edição: o da Professora da FAUUSP Catharina P. Cordeiro Lima, sobre os recentes embates sobre as implicações do Novo Código Florestal Brasileiro e o de Bia Guerra, coordenadora das atividades do Centro Max Feffer, cujas atividades estão centradas na educação para a sustentabilidade.

Tenham uma boa leitura!

Maria de Assunção Ribeiro Franco

Editora da Revista LABVERDE

1 O “Pólo Cuesta” é um projeto de iniciativa da Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo, com foco em turismo sustentável, iniciado em 2001. O projeto está em desenvolvimento, envolvendo dez cidades do interior de São Paulo, na região de Botucatu. São elas: Anhembi, Areiópolis, Bofete, Botucatu, Conchas, Itatinga, Paranapanema, Pardinho, Pratânia e São Manuel.